

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Isabella Tavares Carvalho

**AS NARRATIVAS DE VIAGEM DO ESCRITOR PAULO COELHO: UMA ANÁLISE SOBRE O
PERTENCIMENTO DO CONCEITO DA JORNADA DO HERÓI NA BIOGRAFIA HIPPIE (2018)**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Humberto Fois Braga

Juiz de Fora
2019

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Isabella Tavares Carvalho, acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201673216A, declaro que sou autora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado AS NARRATIVAS DE VIAGEM DO ESCRITOR PAULO COELHO: UMA ANÁLISE SOBRE O PERTENCIMENTO DO CONCEITO DA JORNADA DO HERÓI NA BIOGRAFIA HIPPIE (2018), desenvolvido durante o período de 16 de julho de 2019 a 27 de novembro de 2019 sob a orientação de Prof. Dr. Humberto Fois Braga, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

ISABELLA TAVARES CARVALHO

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

AS NARRATIVAS DE VIAGEM DO ESCRITOR PAULO COELHO: UMA ANÁLISE SOBRE O PERTENCIMENTO DO CONCEITO DA JORNADA DO HERÓI NA BIOGRAFIA *HIPPIE* (2018)

Isabella Tavares Carvalho¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é estudar a literatura de viagem do autor Paulo Coelho em seu livro autobiográfico publicado em 2018, chamado *Hippie* (2018). Justificando sua biografia através do conceito da Jornada do Herói de Christopher Vogler (1998), busca-se entender o contexto da literatura de viagem aplicada em sua escrita e comprovar através do método da pesquisa explicativa e bibliográfica e da metodologia estruturalista, que a aventura vivida e os deslocamentos realizados por Paulo Coelho narrados em seu livro, se enquadram na estrutura de Vogler (1998). Os relatos do livro *Hippie* (2018) encontram-se fora de ordem cronológica, mas organizados neste artigo com intuito de melhorar a compreensão para quem o lê. Entretanto, ao longo do artigo, será apresentado e discutido os pressupostos que estabelecem uma correlação entre a viagem de Paulo Coelho e o conceito desenvolvido por Vogler (1998). Sendo assim, tomaremos como ideia principal a concepção de Renato Ortiz (2006) para definir viagem, referiremos Foster (2010) ao falar sobre aventura e utilizaremos o olhar de Humberto Fois-Braga (2017) para dissertar sobre literatura de viagem e literatura de autoajuda. Esperamos provar ao fim deste artigo o pertencimento do conceito de Vogler (1998) na biografia *Hippie* (2018), e trazer ao leitor outras possibilidades no campo de pesquisa por meio dos livros e da vida do escritor Paulo Coelho.

PALAVRAS-CHAVE: Aventura. Jornada do Herói. Literatura de Viagem. Autobiografia. Hippie.

INTRODUÇÃO

Paulo Coelho, autor mundialmente conhecido, carrega o título de um dos maiores escritores brasileiros, conhecido por seu lado místico, oculto e libertino apresenta, através de seu último livro chamado *Hippie* (2018), um pouco sobre sua trajetória de vida em busca de liberdade, amor, autoconhecimento e principalmente sua busca pelo divino.

As informações seguintes, foram retiradas da Revista Online Época (Ed. Nº357, 2005), e falam sobre a vida do autor. Paulo Coelho nasceu em 24 de agosto de 1947 na cidade do Rio de Janeiro, foi um jovem problemático e chegou a ser internado em clínicas psiquiátricas por diversas vezes. Aderiu ao movimento Hippie na década de 1970, logo após abandonar a faculdade de Direito, e assim iniciou sua jornada pelo mundo, movido por seu fascínio pela busca espiritual. Nesta mesma década conheceu o músico Raul Seixas com quem além de amizade criou uma parceria da qual surgiu diversas músicas de sucesso, os dois ingressaram na Sociedade Alternativa, organização que se opunha à ideologia capitalista, defendia a liberdade e estava associada à prática da magia negra. Em abril de 1974 Paulo Coelho foi preso pela segunda vez, pela Ditadura Militar do Brasil e posteriormente, torturado, conforme é descrito os fatos em seu livro autobiográfico *Hippie* (2018).

Antes de se dedicar totalmente à literatura, Paulo Coelho foi ator, secretário de redação do jornal O Globo, diretor de teatro e compositor musical. Em 1986 Paulo Coelho foi em busca do divino e realizou a peregrinação do Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha, com duração de três meses, e como resultado de tamanha experiência surgiu seu interesse pela literatura. Após um ano de sua viagem, Coelho escreveu o livro *O Diário de um Mago* (1988) relatando sua experiência espiritual e revelando a presença da magia e do extraordinário na vida das pessoas. Tal livro marca o início de sua carreira como escritor. Também em 1988 Coelho escreve *O Alquimista* (1988), tornando-se a obra mais vendida da história do Brasil, entrando para o livro dos recordes chamado Guinness Book. No dia 25 de julho de 2002, sob aplausos de uns e críticas de outros, Paulo Coelho realiza um de seus sonhos: é eleito para ocupar a cadeira de número 21 da Academia Brasileira de Letras (ABL).

Com mais de 20 obras escritas, segundo a Revista online Época (2014), atualmente Paulo Coelho, já com 72 anos de idade, vive na cidade de Genebra, na Suíça, desde 2006 com sua esposa, a artista plástica Christina Oiticica com quem está junto desde 1979. Paulo Coelho já recebeu inúmeros títulos, prêmios e condecorações, se tornou o autor brasileiro mais vendido no mundo e em 1996 fundou o Instituto Paulo Coelho, destinado a prestar auxílio a crianças e idosos carentes, no qual ainda atua.

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: Isabellatcarvalho39@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Humberto Fois-Braga

Paulo Coelho relata em seu livro mais autobiográfico, chamado *Hippie* (2018), objeto de estudo deste artigo, sua trajetória em busca pelo divino e autoconhecimento. Assim, já nas primeiras páginas, ele nos fala de sua experiência com a viagem realizada até Machu Picchu, cidade perdida, pouco conhecida na época. O autor iniciou seu trajeto entre a década de 60 e 70, por La Paz, capital da Bolívia, em seguida passou por Titicaca, lago de água doce mais alto do mundo, onde atravessou de navio até o outro lado chegando ao seu destino, Machu Picchu, localizado no Peru. Ao retornar à sua zona emissora, Coelho passou pelas cidades de Lima e Santiago do Chile, e seguiu até o Brasil, mais precisamente em Ponta Grossa no Paraná, onde foi preso e torturado pela primeira vez, em 1968. A partir deste marcante fato, o autor passou a se sentir não pertencente à sua terra natal, e desejou, mais do que nunca, se ver longe de sua rotina e do Brasil.

Após um ano e meio de sua saída da prisão, em setembro de 1970, Paulo Coelho iniciou uma nova viagem rumo a Amsterdam. Foi em busca do encontro do seu novo lar, desembarcou em Holanda, na Europa, e seguiu rumo a praça do Dam, em Amsterdam. Passou um curto tempo no local, e quando daria início à sua aventura até Piccadilly Circus, em Londres, conheceu uma mulher que veio a mudar seus planos e o motivou a conhecer Kathmandu. Coelho, já com seus 23 anos, mudou sua rota, e percorreu com o Magic Buss por Munique, Atenas e Istambul, ponto final de sua viagem, no qual ficou por um ano, até decidir retornar ao Brasil.

Apesar de fazer parte da Academia Brasileira de Letras, se escuta pouco falar do autor no espaço acadêmico brasileiro². Ao buscar artigos sobre Paulo Coelho, foram encontradas poucas referências, assim concluímos que até os dias atuais, o seu trabalho foi raramente utilizado e reconhecido como tema de pesquisas nas academias do país. Para o campo de estudo do Turismo, os relatos de experiências vividas por ele em viagens pelo mundo, pode nos confirmar inúmeras teorias já estudadas e aprofundar outros limiares, gerando novos conhecimentos e contribuindo para a pesquisa do que é o fenômeno turístico. Paulo Coelho relata em seus livros suas viagens de forma detalhada, deixando um aglomerado de informações úteis para pesquisadores com interesse em viagens, motivações, deslocamento, hospitalidade e afins. Por encontrar esse vasto campo de estudo pouco explorado, optamos por escolher um de seus inúmeros livros, no qual relata uma de suas inúmeras experiências de viagem, para aprofundar em um tema dentre vários que foram encontrados durante a pesquisa. Sendo assim, o objetivo do trabalho é analisar como Paulo Coelho, em sua obra autobiográfica *Hippie* (2018), constrói para si uma narrativa que se assemelha à da jornada do herói em viagem.

Para responder a tal problemática proposta e acima apresentada, o trabalho será dividido em duas partes: na primeira, intitulada *Viagem como jornada do herói e construção de experiências*, trataremos das discussões teóricas referentes a Jornada do Herói conceito dado por Christopher Vogler (1998), trataremos o conceito de viagem por Renato Ortiz (2006), aventura por Thomas C. Foster (2010), e a importância da literatura de viagem e do modelo autobiográfico por Humberto Fois-Braga (2017). Já no segundo capítulo, cujo título é *Aventuras de viagem na literatura Hippie*, analisaremos os acontecimentos durante as viagens realizadas pelo autor, comparando-as com as teorias propostas. Nas considerações finais trataremos as principais percepções sobre a obra e apontaremos possíveis formas de continuação do trabalho.

01. Viagem como Jornada do Herói e construção de experiências.

Até os dias atuais, definir o que é viagem se torna uma tarefa complexa, posto que tal atividade traz consigo um conceito amplo com múltiplos olhares e muitas controversas. Existem inúmeras análises acerca do tema, com o objetivo de provar que o significado de viagem não se limita somente ao deslocamento entre dois pontos, e possui outras conotações. Para Leiper (1979) uma viagem é estruturada a partir de três espacialidades, sendo elas, a zona emissora, a zona de trânsito (o deslocamento propriamente dito) e a zona receptora. Aprofundando seus estudos, Renato Ortiz (2006, p. 26), diz:

Mas o que é realmente a viagem? Eu diria de forma preliminar: é um deslocamento no espaço. Ela é sempre passagem por algum lugar e sua duração se prolonga entre a hora da partida e o momento do regresso. O viajante é alguém que se encontra suspenso entre esses dois referenciais que balizam o seu percurso. Nesse sentido, a viagem se aproxima dos ritos de passagem. Ela implica na separação do indivíduo de seu meio familiar, depois, uma prolongada estadia on the road, para enfim reintegrá-lo em sua própria casa, em sua terra de origem. Sublinho este aspecto de separação. Ele contém a ideia de que uma pessoa sai de um mundo anterior para penetrar em um outro inteiramente novo. [...] O processo é na

² “Seus colegas acadêmicos consideram-no omissos na instituição. ‘Eles têm razão’, diz. ‘Eu deveria fazer mais pela literatura brasileira’.” Parte da entrevista concedida pelo autor para a Revista Época (2014).

verdade uma “viagem” durante a qual ele experimenta uma “outra” realidade [...]. A passagem pressupõe, portanto, a ideia de fronteira, de limite. Cada compartimento é um mundo à parte.

Aceitando a definição de viagem pelo viés proposto por Renato Ortiz (2006), deparamos com uma segunda questão. Por que uma viagem é considerada uma aventura? Partindo do pressuposto, de que todo viajante passa por uma transformação, como consequência de seu deslocamento, Thomas C. Foster (2010, p.17) afirma que “toda viagem é uma aventura” obedecendo uma sequência, na qual possui, primeiramente, um aventureiro (viajante), um lugar para ir, a razão declarada para ir a determinado local, e ao passar por diversos desafios durante o caminho, acaba por encontrar sua verdadeira razão para ir até o seu destino. Com tal citação,

A verdadeira razão de um aventureiro nunca envolve a razão declarada. De fato, com mais frequência que o contrário, o aventureiro fracassa em cumprir a tarefa declarada. Então por que vão e por que nos importamos? Eles vão por causa da tarefa declarada, erroneamente acreditando que essa é a missão verdadeira. Sabemos, entretanto, que a aventura é educativa. Eles não conhecem bastante o único assunto que de fato importa: eles mesmos. A razão verdadeira de uma aventura é sempre o autoconhecimento.

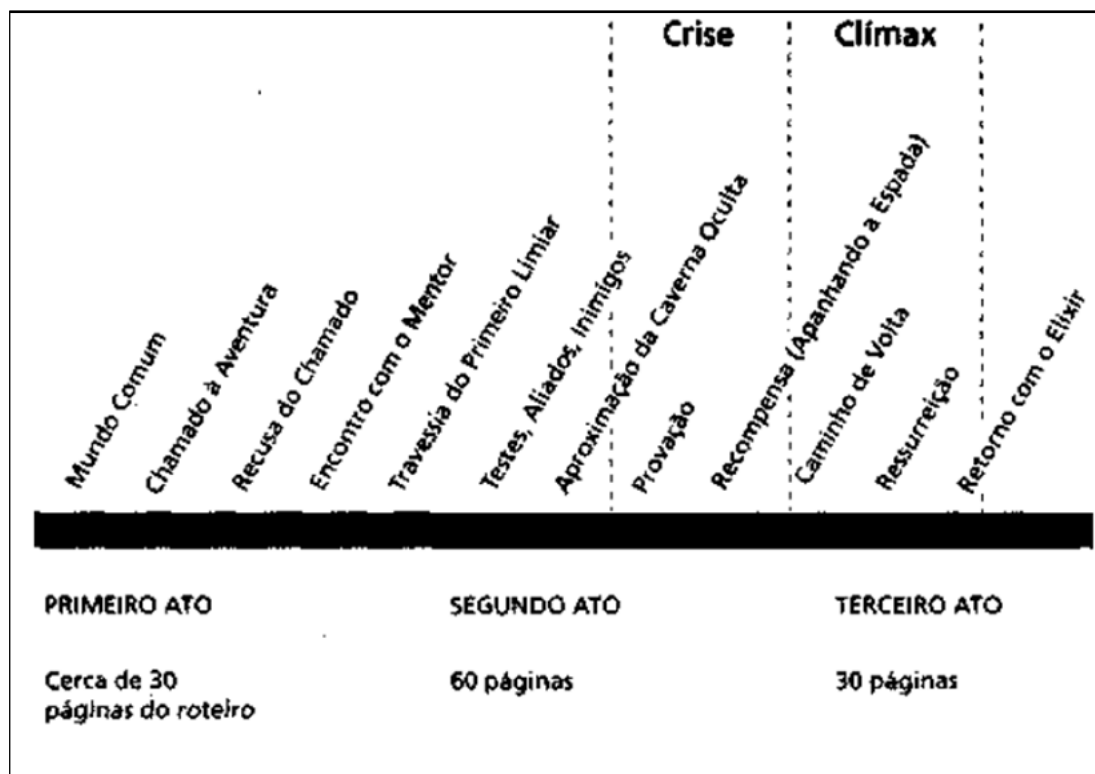
Foster (2010, p.17) faz da aventura um sinônimo para viagem, pois aponta a grande semelhança que existe dentre a sequência realizada por um aventureiro, o percurso de um viajante e os estágios apresentados no conceito da Jornada do Herói por Christopher Vogler (1998). Para Foster (2010) a verdadeira razão de uma viagem e de uma aventura, sempre é o autoconhecimento.

No entanto, Vogler (1998, pg. 11) acredita que a “Jornada do Herói é nada menos do que um compêndio para a vida, um abrangente manual de instrução na arte de sermos humanos”. Vogler (1998) aprofundou os estudos realizados por Joseph Campbell (1949), o qual é conhecido por ter sido um grande pesquisador, que articulou de forma genuína algo existente na literatura há muito tempo e que não havia sido observado. Ele redigiu regas não escritas nas inúmeras narrativas de autores diversos, estimulando-os a experimentar e aprimorar a Jornada do Herói em seus livros, foi o primeiro a expor o padrão oculto nas histórias, “Ele descobriu que todas as narrativas, conscientemente ou não, seguem os antigos padrões do mito” (Vogler, 1998, pg. 33), e desenvolveu sua pesquisa com base na linguagem simbólica, figuras religiosas e mitológicas.

Ao analisar o estudo de Campbell (1949), Vogler (1998, pg. 28) chega ao consenso que a descoberta da Jornada do Herói “é mais do que apenas a descrição de padrões ocultos de mitologia. É um guia útil para a vida, principalmente a vida de um escritor”. Sua descoberta chega para os produtores de filmes, escritores e contadores de história como uma tecnologia da narrativa, sendo o modelo da Jornada do Herói universal, para todas as culturas e épocas. Aprofundando a busca pela real identidade do Herói, Vogler (1998, pg. 35) afirma: “O protagonista de toda história é um herói de uma jornada, mesmo se os caminhos que segue só conduzirem para dentro de sua própria mente ou para o reino das relações entre as pessoas”. Chegando à conclusão de que todo ou qualquer ser humano é identificado como potencial herói. Todavia, Vogler (1998, pg. 35) sintetiza a Jornada do Herói e cria uma ponte para com a ideia de aventura, e o conceito de viagem, através do seguinte trecho:

A história de um herói é sempre uma jornada. Um herói sai de seu ambiente seguro e comum para se aventurar em um mundo hostil e estranho. Pode ser uma jornada mesmo, uma viagem a um lugar real: um labirinto, floresta ou caverna, uma cidade estranha ou um país estrangeiro, um local novo que passa a ser a arena de seu conflito com o antagonista, com forças que o desafiam. Mas existem outras tantas histórias que levam o herói para uma jornada interior, uma jornada da mente, do coração ou do espírito. Em qualquer boa história, o herói cresce e se transforma, fazendo uma jornada de um modo de ser para outro: do desespero à esperança, da fraqueza à força, da tolice à sabedoria, do amor ao ódio, e vice-versa. Essas jornadas emocionais é que agarram uma platéia e fazem com que valha a pena acompanhar uma história.

O modelo criado por Vogler (1998) organiza de forma objetiva o seu pensamento e aponta todos os 12 estágios que o autor considera como estruturantes da Jornada do Herói. Vogler (1998) define cada um dos 12 momentos em particular, e os identifica de acordo com os acontecimentos durante o percurso da Jornada. De forma sucinta, listamos as 12 etapas e anexamos abaixo o gráfico criado por Vogler (1998), no intuito de elucidar sua teoria e facilitar a compreensão das fases.



FONTE: (VOGLER, CHRISTOPHER, 1998, pg. 36)

Estágios da Jornada do Herói:

- 1- Mundo Comum: É o momento em que vemos o herói em sua vida cotidiana, em sua terra mãe. Momento no qual o leitor passa a perceber sua semelhança com o herói e assim cria afinidade com o personagem. Essa fase é bem enfatizada na literatura, pois quando o personagem passar para as próximas fases saindo de seu mundo comum, ficará nítida a sua mudança para o novo e desconhecido universo.
- 2- Chamado à Aventura: Apresenta-se ao herói um problema, um desafio, uma aventura a empreender. Uma vez confrontado com esse Chamado à Aventura, ele não pode mais permanecer indefinidamente no conforto de seu Mundo Comum (VOGLER, 1998, pg. 37).
- 3- Recusa do Chamado (o Herói Relutante): Ao ser convocado a partir em rumo a sua aventura, o herói hesita e recusa seu chamado, neste momento ele está de frente para seu maior medo, o desconhecido, e precisa encontrar forças para encara-lo.
- 4- Mentor (a Velha ou o Velho Sábio): Esse é o ponto de encontro do herói com seu mentor, e “a função do Mentor é preparar o herói para enfrentar o desconhecido” (VOGLER, 1998, pg. 39). Dar forças a ele para encarar o novo mundo.
- 5- Travessia do Primeiro Limiar: Essa é a fase na qual a aventura realmente inicia, o herói aceita seu Chamado à Aventura (Fase 2) e encara seu medo do desconhecido, se dispendo a enfrentar seus desafios e suas consequências. Momento de chegada ao novo mundo.
- 6- Testes, Aliados e Inimigos: Ao atravessar o Primeiro Limiar, o herói se depara com novos desafios e testes, começa a entender sobre o mundo desconhecido ao qual se encontra, e durante o percurso cria aliados e inimigos.

- 7- Aproximação da Caverna Oculta: Esse é o momento que marca a chegada do herói a divisa de um local perigoso, o ponto mais ameaçador da jornada para ele. A aproximação é a etapa para entrar na Caverna Oculta no qual o herói vai enfrentar a morte ou um grande perigo.
- 8- A Provação: É um momento de muito suspense e tensão para o leitor, pois é o ponto em que herói realmente enfrenta seu maior medo, ele crava uma batalha com seu pior inimigo no mundo desconhecido e a possibilidade de morte é real.
- 9- Recompensa (Apanhando a Espada): Após sobreviver do perigo de morte “O herói, então, pode se apossar do tesouro que veio buscar, sua Recompensa” (VOGLER, 1998, pg. 44), sendo ela um objeto material ou uma realização imaterial, esse é o ponto de realização do herói.
- 10- Caminho de Volta: Ao receber sua recompensa, o herói, passa a lidar com as consequências advindas de seu confronto com seu inimigo do mundo desconhecido, nesse momento seu inimigo volta furioso em sua direção querendo se vingar. Para o leitor, esse é o momento da jornada no qual acontece as maiores perseguições, por parte do inimigo durante a volta do herói ao lar.
- 11- Ressurreição: Nessa fase o herói passa por sua prova final, com intuito de verificar se realmente aprendeu todas as lições dadas durante a Jornada. O herói finalmente derrota seu inimigo, e renasce após sua experiência de quase morte.
- 12- Retorno com o Elixir: Na última fase da Jornada, o herói retorna ao seu mundo comum, e traz consigo um tesouro ou uma lição do mundo desconhecido. Esse tesouro pode ser um importante e valioso objeto ou um conhecimento, experiência que poderá ser útil um dia em sua vida ou para a comunidade na qual vive. A volta do herói à terra mãe é o momento final da narrativa.

Humberto Fois-Braga (2017), analisa as narrativas de viagem pela ótica da temática e contextualiza sua relação com a Jornada do Herói, para isso, ele afirma que:

Um sujeito sedentário deixa a sua casa para empreender um deslocamento até determinado destino; e após frequentar tal territorialidade ele é capaz de retornar ao lar de partida, gerando daí algum tipo de transformação em seu estatuto psicossocial. Por isso, dentro da perspectiva de circularidade e da viagem enquanto local dos aprendizados e das transformações subjetivas, a literatura de viagem dialogaria com a estrutura mítica da jornada do herói campbelliano, vinculando-se também à literatura de aventura e de formação. (FOIS-BRAGA, 2017, p. 129)

Para Fois-Braga (2017, p. 128), “A literatura de viagem é apenas uma faceta daquilo que poderíamos definir como literatura da mobilidade”. Para ele, a Jornada do Herói (Vogler, 1998), está interligada aos relatos de viagem há muito tempo, o autor Gannier (2001, p. 09, *apud* FOIS-BRAGA, 2017, p.129) em seus estudos, observa a literatura de viagem como:

Todo texto de forma e de contexto cultural variáveis, tendo por base, tema, quadro, uma viagem supostamente real ou ao menos afirmada como tal, assumida por um narrador que se exprime o mais frequentemente na primeira pessoa. A narrativa de viagem concilia áreas e gêneros diferentes, e se adapta a heterogeneidade: sua especificidade escapa à taxonomia genérica.

Apesar da literatura de viagem sempre focar o deslocamento do viajante em grande parte de seus relatos, a jornada do herói, durante muito tempo, pautou-se em uma descrição dos desejos exteriores às suas vontades e as motivações externas, como exemplo, missões, guerras, luta por território e afins. A partir do século XIX a literatura de viagem passa a notar o viajante individualmente e vai em direção às suas motivações internas e desejos:

O discurso da viagem passa a falar da fuga de uma modernidade cotidiana opressora e a busca do prazer em sociedades consideradas distantes física e/ou simbolicamente. Com isso, ao construírem suas justificativas à partida evidenciando a subjetividade e o prazer

existentes no deslocamento, os personagens viajantes tomaram-se narradores que iam em busca de um encontro consigo mesmo (FOIS-BRAGA, 2017, p. 142).

Devido à mudança das motivações dos viajantes e, conseqüentemente, das narrativas da literatura de viagem, o sujeito toma voz e se apropria da sua história, passando a relatar em primeira pessoa os acontecimentos vividos durante sua saga. Por conseguinte, surge um novo modelo de literatura, que para Fois-Braga (2017, p. 142), é

Um outro problema dessa percepção da motivação focada no prazer e na metamorfose como algo relacionado à autodescoberta de ascensão, é que a literatura de viagem se aproxima, perigosamente, de um modelo de literatura de autoajuda, como se tudo dependesse única e exclusivamente do “querer e poder” do indivíduo. Nesse modelo meritocrático e emanatório, as transformações operadas são vetorizadas pelas possibilidades intrínsecas a cada sujeito, ou seja, a viagem potencializaria - mais do que transformaria - as emoções, sensações, convicções, estados de espírito e pensamentos que já existiriam de forma mais ou menos latente no sujeito.

Na literatura de autoajuda, podemos perceber a viagem como argumento de formação do sujeito em trânsito, pautando-se nos relatos de aventura. Enfocando os acontecimentos ocorridos durante o deslocamento do viajante entre a zona emissora e a zona receptora, o modelo de autoajuda acredita que durante esse deslocamento o viajante consegue se autodescobrir e, conseqüentemente, estará ressignificado e pronto para retornar outro e transformado à sua terra mãe.

02. Aventuras de viagem na literatura *Hippie*

Observamos através de um contexto amplo, que Paulo Coelho contempla em todos os relatos do livro sua busca por autoconhecimento e a descoberta do seu lado divino, é notável seu desejo por se aventurar e obter conhecimento. No percorrer do enredo, Paulo Coelho realiza seus desejos, chegando a viver várias aventuras que tiveram pequeno ou grande impacto em sua vida, sendo elas em viagens ou em passeios realizados nos locais pelo qual passou. Independente do lugar para qual ele se deslocou relatados no livro, a aventura foi vivida, podendo ela ser ou não de conhecimento do escritor, entretanto incontáveis momentos marcaram a história dessas viagens.

Abaixo podemos ver Paulo Coelho em 1970, em sua fase Hippie.



FONTE: *HIPPIE* (2018, contracapa)

Analisando as definições de aventura do pesquisador Thomas C. Foster (2010) em seu livro *Para ler literatura como um professor*, com objetivo de justificar e validar seu posicionamento, aplicamos os cinco conceitos que pautam uma aventura, nas situações relatadas no livro *Hippie (2018)*. Usando como exemplo a viagem de Paulo Coelho até Amsterdam, analisamos a aventura vivida pelo autor por sua forma estrutural. Nesta situação, Coelho está realizando uma viagem em busca de aventura e ele possui consciência acerca do que está vivenciando. A primeira coisa necessária para se viver uma aventura, segundo Foster (2010), é ter um aventureiro, no exemplo identificamos Paulo Coelho como tal, um jovem inexperiente, com desejo de se descobrir, conhecer e mudar o mundo. Não aceito por seus pais por possuir objetivos incomuns aos outros jovens de sua época, ele se mostra um tanto quanto rebelde e sai de casa em busca do seu autoconhecimento e com a expectativa de viver uma aventura. O segundo e terceiro itens componentes da aventura, andam juntos, sendo eles: Ter um local para ir, e possuir uma razão declarada para ir até lá. Para Paulo Coelho, sua viagem tinha como destino, primeiramente, a praça do Dam, em Amsterdam, local conhecido como um dos centros do mundo e cobijado na época pelos jovens da comunidade hippie, da qual o autor pertencia. Devido à grande repercussão acerca do local, ele se tornou ponto de encontro dos jovens, surgindo assim em Paulo Coelho o desejo de se aventurar até o Dam, e ver de perto o que todos tanto falavam. O quarto motivo pelo qual consiste uma aventura, são os desafios encontrados no percurso. Durante o deslocamento até Amsterdam, Coelho se depara com os policiais no trem em que estava, situação que o faz voltar a um trauma do passado, o sentimento de medo e temor que viveu há um ano e meio atrás, quando havia sido preso e torturado.

O quinto e último motivo é “a verdadeira razão para ir até o local”. No exemplo já iniciado, Paulo Coelho ao sair do trem e da situação de medo que se encontrava, sentiu alívio, se viu surpreso e feliz com tudo o que aconteceu. O autor, ao tomar consciência sobre a aventura vivida e a superação pela qual passou, obteve mais autoconhecimento sobre si mesmo, ele tinha ciência que o desafio serviu para sanar suas dores do passado e cicatrizar a ferida que estava aberta, conforme ele mesmo relata em seu livro: “Sentia uma calma imensa depois de ter revivido o terror que acontecera um ano e meio. Como se tudo precisasse mesmo ser encarado sem medo, apenas como um fato da vida” (COELHO, 2018, p. 56). Contudo, a aventura de Paulo Coelho termina, e após uma curta estadia em Amsterdam, ele parte para a próxima viagem, buscando novos destinos, afinal, sua verdadeira razão para ter ido até Amsterdam já havia sido concluída.

Analisamos a segunda situação totalmente oposta à primeira, neste caso, o autor não estava à espera de viver uma aventura, e não viajou para que tal acontecesse. Tomaremos como exemplo a seguinte conjuntura: Após almoçar (fato normal, pelo qual não se esperava nada de discrepante), Paulo Coelho foi abordado por um Guru, que o convidou para cantar e dançar pelas ruas de Amsterdam, o jovem viajante, não pensou duas vezes e seguiu as pessoas, conforme ele mesmo relata: “Que alegria estar ali pulando, saltando, catando com todo pulmão, seguindo aquelas pessoas que vestiam laranja, tocavam sininhos e pareciam em paz com a vida” (COELHO, 2018 p. 87). Paulo Coelho viveu uma aventura, teve uma nova experiência, sem tomar conhecimento dela. Podemos afirmar esse fato com base no trecho: “De tanto repetir o mantra e saltar, começou a entrar em um estado que o pensamento, a lógica e as ruas da cidade já não tinham tanta importância – a cabeça estava totalmente vazia, e ele voltava a realidade apenas de tempos em tempos” (COELHO, 2018, p. 88).

Conforme verificamos anteriormente, em comunhão com a aventura observamos o conceito literário conhecido como Jornada do Herói. Esse conjunto de aventuras é visto por nós de forma macro, conquanto, tal conceito se enquadra no imaginário literal e compõem a estrutura de *Hippie (2018)*. Christopher Vogler (1998) em sua obra *A Jornada do Escritor (1998)*, relata as 12 etapas para conduzir ao sucesso na construção de uma história, tornando o personagem principal, de fato, um herói. Paulo Coelho vivência as superações de seus medos e estigmas diversas vezes no decorrer da narração de sua autobiografia *Hippie (2018)*, nos levando a pensar que o mesmo não segue a Jornada do Herói, pois as informações acerca dos acontecimentos vêm de diversas fontes, narradas pelos personagens de Paulo Coelho e Karla, ou na terceira pessoa, fora de ordem cronológica, o que dispersa a atenção do leitor fazendo com que a jornada na literatura pareça não existir. Levando em consideração o fator dos personagens e histórias relatadas no livro serem factuais e reais, faremos uma ponte dentre essas etapas para os acontecimentos relatados no livro, para testar a confiabilidade de tal estrutura para com a literatura de *Hippie (2018)*, organizando os fatos segundo a ordem dos acontecimentos, para melhor compreensão.

A primeira etapa mostra o personagem em seu mundo comum, e traz detalhes sobre o viajante, com intuito do público se identificar com ele. No livro *Hippie (2018)*, é apresentado durante o decorrer da narração, em diversos momentos, como Paulo Coelho se sentia perante sua vida tradicional. No início do enredo é colocado em evidência as características de sua vida na terra a qual pertence, e como se sentia incompreendido e infeliz em seu local de origem, conforme observamos no trecho:

Aturar aqueles que sempre riam dos cabelos longos, perguntavam no meio da rua há quanto tempo não tomava banho, diziam que roupas coloridas demonstravam que ele não estava convencido de sua sexualidade, quantos homens já tivera na sua cama, diziam para parar de vagabundagem, largar a droga e ir em busca de um trabalho decente, colaborar para que o país saísse da crise (COELHO, 2018, p. 50).

É notável como o autor tem a facilidade em fazer o leitor se identificar com seu sentimento de incompreensão e necessidade de liberdade. Sua história se passou na década de 70, já o livro foi publicado narrando sua história em 2018, e ainda nos dias atuais, existem pessoas pelas quais passam por dilemas iguais e encontram uma forte conexão com o viajante, devido aos seus relatos serem pertencentes também ao mundo atual. No entanto, concluímos que a primeira etapa é válida.

A segunda etapa é o *Chamado à Aventura*, no qual o aventureiro se depara com um conflito que o tira de sua vida comum. Conforme já visto, Paulo Coelho é um jovem cheio de conflitos internos, com o desejo de viver novas experiências, não é necessário que se aprofunde nessa etapa, pois de acordo com tudo que foi relatado até aqui a respeito do autor, já está mais do que evidente, que o que não falta para ele é motivação para escapar do cotidiano banal que a crítica.

Recusa do chamado, é denominado como a terceira etapa, é o momento no qual o viajante coloca na balança, de um lado sua segurança na terra mãe *versus* novas experiências, nascendo em si o medo de arriscar, fazendo com que ele repense sua trajetória. Nos relatos de Paulo Coelho, o medo real chega a existir, mas é brevemente superado, pois sua motivação para o novo, sempre é maior do que qualquer obstáculo. Analisamos seu momento de recusa quando, no início da narração, Paulo Coelho é preso e repensa suas motivações, sua vida, e qual rumo deveria tomar, conforme afirma o trecho:

Paulo começou a achar que merecia exatamente o que estava acontecendo... e ele tinha pagado apenas as consequências – aquilo devia ser um castigo dos céus, não dos homens. Pelas muitas tristezas que causou, merecia estar nu, no chão de uma cela, olhando para dentro de si e não encontrando nenhuma força, nenhum consolo espiritual (COELHO, 2018, p.51).

Christopher Vogler (1998) afirma que para sair do empasse o aventureiro recebe auxílio de um mentor, chegando ao encontro de sua autoconfiança, sendo essa a quarta etapa, pela qual Paulo Coelho supera rapidamente, pois sua força vem do sobrenatural, do desconhecido, e sua motivação ressurgiu rapidamente, após sair da prisão e de ter passado por todo medo e tortura.

O momento da *Travessia do Limiar* é considerado a quinta etapa, instante em que o personagem sai do mundo que conhece e chega ao novo, fase em que ele aceita o *Chamado à Aventura*. Paulo Coelho cruza essa travessia quando sai do seu país e se arrisca rumo a Amsterdam. Holanda é considerada o limiar de sua jornada, a afirmação tem como base a fala do viajante ao descer do trem, pois para ele, “Realmente, estava entrando em outro mundo” (COELHO, 2018, p. 60).

Provas, aliados e inimigos marca a sexta etapa, momento da literatura no qual o autor se depara com desafios menores com o intuito de preparar para maiores dificuldades, nessa fase o viajante tende a descobrir pessoas com as quais pode contar. Paulo Coelho já havia passado por três desafios até chegar nessa fase, sendo o primeiro sua volta da viagem a Macchu Picchu, o segundo, sua prisão, e o terceiro, a tensão em sua viagem de trem até a Holanda, e suas aprovações não param por aí. Para confirmar o quarto desafio enfrentado na Jornada do Herói, observamos Paulo Coelho ao chegar em Amsterdam, tentar se aproximar da jovem Karla, e fazer dela sua aliada, conforme é relatado em *Hippie (2018)*: “Havia notado a bela Hippie que passara perto de onde estava sentado e, se não fosse por sua timidez paralisante, talvez tivesse ousado sorrir para ela. Porém não teve coragem” (COELHO, 2018, p.71).

A Aproximação da caverna oculta, traduzindo os medos e questionamentos iniciais do herói, é a sétima etapa da jornada, é o ensejo de autorreflexão do autor antes de se deparar com seu novo e maior desafio. Paulo Coelho vivencia essa etapa no enredo quando sai pela noite de Amsterdam e se dirige a um local de nome “Onde o sol nasce”, lugar onde ficam acomodados muitos usuários de droga, o que assusta o viajante e o faz repensar o que lhe faz estar ali.

Seu sonho era ser escritor, tinha pagado um preço muito alto para isso: internações em hospitais psiquiátricos, a prisão e a tortura, a proibição da mãe da namorada de adolescência

de que a filha se aproximasse dele, o desprezo dos colegas de escola quando viram que passara a se vestir de maneira diferente (COELHO, 2018, p.103).

A *aprovação*, segundo Christopher Vogler (1998), é como se descreve a oitava etapa, esse é um momento de ressurreição do aventureiro, ele passa pela prova mais difícil do seu caminho e tal superação é considerada a principal transformação do personagem na narrativa. Conforme citado acima, Paulo Coelho vivência as superações de seus medos e estigmas diversas vezes no livro, o que nos leva a pensar que ele não segue a Jornada do Herói. Para encontrar essa etapa na narrativa, analisamos diversas vezes as motivações e transformações vividas pelo autor, e comparamos umas com as outras, como o livro não segue uma ordem cronológica, essa foi uma tarefa difícil.

Enfim concluímos que o momento da maior aprovação de Coelho, categorizada como oitava etapa, é quando ele vai ao encontro dos dervixes dançantes em busca de conhecimento e sabedoria, e se depara com um sufista. Paulo Coelho passou por um conflito interior mortal, para aceitar sua condição; e em resposta às indagações que o homem sufista o faz ele afirma: “Nesse momento duvidei que seria capaz disso – talvez ele estivesse me testando com a obediência absoluta. Mas não vi nenhuma hesitação em sua voz, sabia que ele estava falando sério” (COELHO, 2018, p. 279). Baseado nesta afirmação confirmamos a extrema dificuldade do aventureiro de enfrentar seus medos e mostrar para o sufista que era capaz e merecedor de sua confiança.

A nona etapa é conhecida como *A Recompensa*, essa recompensa simboliza a sua transformação em uma pessoa mais forte, sendo representada pela conquista de seu objetivo. Paulo Coelho, ao fazer com que o monge sufista com quem estava em contato o aceitasse como discípulo, sentiu-se realizado, e apesar de ainda vir a conquistar mais conhecimento, já havia avançado muito até ali, pois teria a oportunidade de aprender sufismo, podendo ir ao encontro do divino, do autoconhecimento e da sabedoria, motivações do viajante identificadas no início da narrativa. Segue o trecho no qual o autor se sente recompensado por toda sua trajetória, momento em que recebe o sim do monge: “- Você me aceita como discípulo? Perguntei pela terceira e última vez. - Se amanhã você cruzar esta porta como fez nesses dois dias, eu o aceito como discípulo” (COELHO, 2018, p. 279). E para reafirmar a felicidade de Paulo Coelho ao receber sua recompensa, o trecho a seguir, mostra sua realização pessoal ao pensar em sua família que ficou na sua terra mãe: “Não se preocupem, estou contente, e em breve vocês terminarão por entender que não nasci para entrar para a faculdade, conseguir um diploma e arranjar um emprego. Nasci para ser livre e posso sobreviver disso” (COELHO, 2018, p. 78).

O *Caminho de volta*, é a décima etapa da jornada, nesse momento o herói passa a lidar com as consequências de seu confronto ocorrido na oitava etapa (*A aprovação*), essa é a hora que o viajante reflete, e precisa realizar uma escolha, entre cumprir um objetivo pessoal ou um bem coletivo, esse fato costuma acontecer em seu caminho de volta ao seu mundo comum. Na narrativa de Paulo Coelho, não houve perseguição ao receber sua recompensa, porém o autor precisa escolher entre ficar com seu mestre sufista ou seguir viagem com sua amiga por quem tinha sentimentos, chamada Karla. Paulo Coelho não seguiu a viagem junto a sua companheira, e ficou em Istambul para dar continuidade a busca pelo conhecimento sufista. Para ele, seria difícil de contar para Karla qual foi sua escolha, conforme relata no trecho:

Minha viagem terminou aqui’, ele repetiu, talvez duvidando que ela havia compreendido o que acabara de dizer. ‘Não tenho nada para fazer no Nepal’. E preparou-se para o choro, a fúria, o desespero, as chantagens emocionais, tudo que agora seria dito pela mulher que dissera “eu te amo” na noite anterior (COELHO, 2018, p. 279).

A *ressurreição*. Essa é a última batalha do herói, o inimigo ressurgue quando mais ninguém esperava por isso. É nesse instante que o aventureiro o destrói definitivamente e renasce para uma nova vida. Essa é a décima primeira etapa da jornada, na qual Paulo Coelho vence seu último desafio, que é enfrentar a reação de Karla ao saber de sua decisão de não partir junto a ela. O herói realizou sua última luta com êxito, a reação de Karla foi diferente do que pensava e segundo o narrador: “Paulo estava surpreso e contente ao mesmo tempo” (COELHO, 2018, p. 281).

A última etapa da jornada é chamada de *Retorno com o elixir*, fase de reconhecimento do herói. A chegada ao seu local de origem simboliza o seu sucesso, conquista e mudança, e assim fica claro, que o aventureiro não é mais o mesmo. O retorno de Paulo Coelho à sua terra mãe é contada brevemente ao final do livro. “Ele abandonara a ideia de tornar-se um sufi, embora tenha resistido quase um ano e aprendido coisas que o acompanhariam pelo resto da vida” (COELHO, 2018, p. 284).

Esse trecho afirma a realização da última etapa com sucesso, o autor volta para sua terra mãe com seu tesouro, neste caso, todo o conhecimento que obteve junto ao sufista e durante a sua viagem. *Hippie (2018)* também descreve o sucesso que Paulo Coelho alcança anos depois se tornando um autor mundialmente conhecido, simbolizando dessa forma, sua mudança, crescimento, reconhecimento de sua autodescoberta e a disseminação de seu conhecimento para toda a população através de seus livros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar sobre a vida do autor Paulo Coelho, em seu livro autobiográfico *Hippie (2018)*, observamos que a estruturação de sua narrativa é organizada fora de ordem cronológica e narrada pela primeira, segunda e terceira pessoa. No entanto, tal discrepância para com os demais livros de autoajuda, nos chamou atenção para a problemática tratada neste artigo, que é analisar o enquadramento de *Hippie (2018)* no conceito da Jornada do Herói. Para afirmar o pertencimento do livro a tal conceito, examinamos por meio da comparação, os 12 estágios da Jornada do Herói e as situações relatadas em *Hippie (2018)*, e concluímos que tal biografia, se enquadra sim no conceito da Jornada de Vogler (1998). Por meio desta pesquisa, também confirmamos que o livro narra uma aventura, segundo o conceito de Foster (2010), e elucidamos os fatores que levam ele a ser uma literatura de viagem e pertencer ao modelo literário de autoajuda. Coelho ao contar sua experiência deixa para o leitor a mensagem de que ele também pode ser um herói e se aventurar, motivando os leitores a ressignificar sua própria vida. Desta forma, concluímos o objetivo deste artigo, e ao propor uma temática relacionada a um autor mundialmente conhecido e pouco utilizado na academia brasileira, abrimos portas para muitas questões, algumas foram tratadas brevemente e outras não chegaram a aparecer nas entrelinhas desta pesquisa, mas não deixam de existir. As motivações dos viajantes e mais especificadamente do autor Paulo Coelho, é uma das análises que podem ser aprofundadas, buscar entender o porquê e para que o autor faz parte de todo esse emaranhado de aventuras, trará mais sentido ao resultado deste artigo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Ed. Pensamento, 1995 [1949].

COELHO, Paulo. **Hippie**. São Paulo: Ed. Paralela, 2018.

FOIS-BRAGA, Humberto. **Romances de viagem: Políticas e poéticas da mobilidade contemporânea** na coleção literária Amores Expressos. 2017. Tese (Doutorado em Letras) Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

FOSTER, Thomas C. **Para ler literatura como um professor: um guia ágil e curioso que ensina a ler nas entrelinhas**. São Paulo: Lua de Papel, 2010.

GIRON, Luís Antônio. REVISTA ONLINE ÉPOCA, **O exílio de Paulo Coelho**. Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2014/04/o-exilio-de-paulo-coelho.html>
Publicado em :13 de abril. 2014. Acesso em: 09 de julho de 2019.

LEIPER, Neil. The framework of tourism: towards a definition of tourism, tourist, and the tourist industry. **Annals of Tourism Research**, v. 6, n. 4, out.-dez. 1979, p. 390-407.

ORTIZ, Renato. **Um Outro Território: ensaios sobre a mundialização**. São Paulo: Ed. Olho d'Água, 2006.

REVISTA ÉPOCA, Ed. Nº357, **Biografia: A vida e a obra de Paulo Coelho**. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG69344-5856,00-BIOGRAFIA+A+VIDA+E+A+OBRA+DE+PAULO+COELHO.html> Publicado em :16 de mar. 2005. Acesso em: 07 de julho de 2019.

VOGLER, Christopher. **A Jornada do Escritor: estruturas míticas para escritores**. Tradução de Ana Maria Machado. - 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira S.A, 2006 [1998].